

DUHOT, J.-J. *Epicteto e a sabedoria estóica* (trad. Marcelo Perine). São Paulo. Ed.Loyola, 2006. 239 p. (Coleção Leituras Filosóficas).

Se é verdade que os estóicos estão voltando, como nos diz o autor na introdução de seu livro, temos nesta obra *Epicteto e a sabedoria estóica*, agora traduzida para a já consagrada coleção “Leituras Filosóficas”, da editora Loyola, uma honesta via de entrada para a filosofia do Pórtico. Duhot, que é professor de História da Filosofia antiga na Universidade Jean Moulin-Lyon 3, é autor, entre outras obras, de *Sócrates e o despertar da consciência*, também publicado no Brasil na mesma coleção. Embora o presente livro não pretenda apontar problemas específicos do pensamento dos estóicos, e tenha como objetivo primeiro fornecer um amplo panorama sobre a gênese, desenvolvimento e recepção dessa escola filosófica, as reflexões do autor revelam grande penetração, tanto no que diz respeito às detalhadas informações de caráter histórico e biográfico sobre os estóicos, quanto no que concerne às precisas indicações sobre outras formas de pensamento com as quais o Estoicismo (ao menos o tardio) teria contado, como nos casos específicos do judaísmo e do cristianismo.

Assim, o acento especial no pensamento do escravo-filósofo Epicteto, um dos mais importantes representantes da Stoa, e ao elegê-lo como referencial, Duhot aponta para uma “abordagem espiritual” presente nessa escola, como nos alerta na nota introdutória que põe em relevo a visão da filosofia como modo existencial do homem que a ela se associa. O desenvolvimento dessa forma de aproximação se exprime em três grandes partes que dividem a obra, a saber, uma primeira “Histórica”, seguida por uma “Antologia Temática” e por uma divisão que apresenta o legado estóico em suas “influências, permanência, presença”.

A primeira parte – histórica – apresenta as condições de possibilidade e os pressupostos para o surgimento da escola, bem como características de seus representantes. A trilha cronológica é aqui escolhida para tratar, cada um a seu tempo, dos diversos representantes da longa tradição estóica: dos primórdios, com Zenão, Cleanto e Crisipo, e preciosos dados histórico-informativos, sem descuidar da clareza de uma obra introdutória, ao período pré-romano e romano, com

Panécio, Posidônio e Sêneca, Epicteto e Marco Aurélio. Essa primeira parte abriga ainda uma subdivisão que explora uma tríplice temática - Deus, o Homem e Mundo - centrada na idéia da filosofia como modo de vida e para além da clássica apresentação do pensamento estoíco a partir dos três grandes ramos da Lógica, Física e Ética.

Uma das boas surpresas do livro fica por conta da segunda grande divisão da obra composta de abrangente antologia temática dos diversos filósofos estoícos, em tópicos: “Deus”, “O homem e a festa do mundo”, “A filosofia” e “A consciência e a vida interior”. Este momento contém trechos de Cícero, Sêneca, Epicteto, bem como dos “adversários” Plutarco e Epicuro. Na grande maioria das vezes, livros que pretendem fornecer um panorama geral sobre um autor ou uma escola filosófica apenas apresentam pequenos fragmentos que, de tão sumários, pouco auxiliam na tarefa de obter-se uma visão de conjunto, ao mesmo tempo em que introduzem o leitor no universo dos próprios textos dos filósofos. No livro de Duhot, a extensa antologia – com mais de cem páginas – é pontuada por comentários do autor que explicitam e abrem caminho aos excertos.

Por fim, a terceira parte é consagrada à recepção e posteridade do Estoicismo, tanto em ambiente cristão quanto em suas relações com o judaísmo, bem como suas influências no

pensamento moderno. Ainda aqui, em outros terrenos, Duhot demonstra o mesmo cuidado que evidencia durante toda a obra. E seja nos comentários aos textos presentes na antologia (o autor aponta traços de Cícero em Santo Anselmo, à pg.78), ou, ainda, nas citações paulinas de Cleanto (p. 90) e possíveis pontos de tangência, o autor aprofunda as ressonâncias estoícas nos relatos e na formação do historiador judeu Flávio Josefo, bem como analisa as vertentes farisaica e saducéia de vivência do judaísmo. No trato da recepção cristã a mesma verticalização do tema está presente nas reflexões sobre o contato de São Paulo com a filosofia helenística e nos comentários apurados sobre Orígenes, Fílon de Alexandria e os Padres da Igreja.

Nos comentários sobre as relações com o pensamento moderno – são citados Descartes, Leibniz e até o existencialismo francês – o texto de Duhot se torna mais lacônico, ou talvez, mais cauteloso a fim de “evitar considerá-los [os estoícos] precursores de alguma ideologia moderna”(p. 229). Todas essas características do livro, somadas a uma razoável recolha bibliográfica que encerra o volume, faz com que tenhamos nesta obra mais uma valiosa oportunidade de contato com o fecundo pensamento da *Stoa*.

Gabriel Ferreira

PUC-SP

gabriel.ferreira.silva@gmail.com